


**A IDENTIDADE NEGRA EM RECONSTRUÇÃO NA FESTA POMITAFRO DE
VILA PAVÃO-ES**

**BLACK IDENTITY IN RECONSTRUCTION AT THE POMITAFRO FESTIVAL IN
VILA PAVÃO-ES**

**IDENTIDAD NEGRA EN RECONSTRUCCIÓN EN EL FESTIVAL POMITAFRO
EN VILA PAVÃO-ES**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n1-008>

Data de submissão: 02/12/2025

Data de publicação: 02/01/2026

Maria Aparecida da Silva

Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Endereço: Espírito Santo, Brasil

E-mail: consultoraalfa16@gmail.com

José Walter Nunes

Pós-doutor

Instituição: Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

E-mail: nunesjw@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa as dimensões identitárias relacionadas à comunidade negra de Vila Pavão, tendo como referência um evento de caráter educativo-cultural criado em 1989, por um grupo de professores, no Centro Estadual de Ensino Integral Rural/CEEIR, cujas atividades de combate ao etnocentrismo e ao racismo buscavam “integrar” três grupos étnico-culturais do município, formado por pomeranos, italianos e afrodescendentes. O evento transformou-se na festa anual Pomitafro, que ressignificou a identidade cultural da cidade e passou a referenciar os principais símbolos oficiais do município (Souza, 2017). Com o objetivo de entender o processo permanente de reconstrução da identidade negra nesse contexto, em relação aos demais grupos, tendo como base metodológica os pressupostos da história oral (Thompson, 1998; Le Vem; Faria; Motta, 1997), a pesquisa analisou o processo de interação entre essas etnias, levando em conta as histórias e as memórias que as diferenciam e, ao mesmo tempo, as pluralizam nos seus saberes, fazeres e conhecimentos (Nunes, 2005). Os resultados da pesquisa evidenciaram que, apesar da festividade ainda seguir um modelo baseado nas festas populares europeias e de ser apropriada de forma mais comercial pelo poder público, a Pomitafro tornou-se um importante nicho de representatividade cultural para a comunidade negra pavoense, antes invisibilizada. Entretanto, a fala dos depoentes revela que, embora a festa tenha promovido a diminuição dos episódios de preconceito racial e socioeconômico explícito, ele ainda persiste.

Palavras-chave: Pomitafro. Identidades. Racismo. Cultura. Diversidade.

ABSTRACT

This article analyzes identity dimensions related to the Black community of Vila Pavão, taking as a reference an educational-cultural event created in 1989 by a group of teachers at the State Rural Full-Time Education Center/CEEIR, whose activities aimed at combating ethnocentrism and racism sought to “integrate” three ethnic-cultural groups in the municipality, consisting of Pomeranians, Italians, and people of African descent. The event evolved into the annual Pomitafo festival, which redefined the city’s cultural identity and came to represent the main official symbols of the municipality (Souza, 2017). With the goal of understanding the ongoing process of reconstruction of Black identity in this context, in relation to the other groups, and based on the methodological assumptions of oral history (Thompson, 1998; Le Vem; Faria; Motta, 1997), the research analyzed the process of interaction among these ethnicities, taking into account the histories and memories that differentiate them and, at the same time, diversify them.

Keywords: Pomitafo. Identities. Racism. Culture. Diversity.

RESUMEN

Este artículo analiza las dimensiones identitarias relacionadas con la comunidad negra de Vila Pavão, tomando como referência un evento de carácter educativo-cultural creado en 1989 por un grupo de profesores en el Centro Estadual de Ensino Integral Rural/CEEIR, cuyas actividades de lucha contra el etnocentrismo y el racismo buscaban “integrar” três grupos étnico-culturales del município, formado por pomeranos, italianos y afrodescendientes. El evento se convirtió en la fiesta anual Pomitafo, que resignificó la identidad cultural de la ciudad y pasó a referirse a los principales símbolos oficiales del municipio (Souza, 2017). Con el objetivo de entender el proceso permanente de reconstrucción de la identidad negra en este contexto, en relación con los demás grupos, tomando como base metodológica los supuestos de la historia oral (Thompson, 1998; Le Vem; Faria; Motta, 1997), la investigación analizó el proceso de interacción entre estas etnias, teniendo en cuenta las historias y los recuerdos que las diferencian y, al mismo tiempo, los pluralizan en sus saberes, prácticas y conocimientos (Nunes, 2005). Los resultados de la investigación evidenciaron que, a pesar de que la festividad todavía sigue un modelo basado en las fiestas populares europeas y de ser apropiada de manera más comercial por el poder público, la Pomitafo se convirtió en un importante nicho de representatividad cultural para la comunidad negra de Pavao, previamente invisibilizada. No obstante, el testimonio de los entrevistados revela que, aunque la fiesta ha promovido la disminución de los episodios de prejuicio racial y socioeconómico explícito, estos aún persisten.

Palabras clave: Pomitafo. Identidades. Racismo. Cultura. Diversidad

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo se constitui em uma parte de minha pesquisa de dissertação de mestrado¹ cuja ideia inicial surgiu de minhas inquietações como mulher negra, nascida e residente no Espírito Santo, estado que, apesar da forte presença afrodescendente, se destaca no país por ter recebido uma grande leva de imigrantes europeus e por abrigar a primeira colônia italiana no Brasil.²

Tal destaque veio a gerar uma percepção ou um imaginário social que exclui a presença de outros grupos, como as comunidades negras.

Com efeito, conforme o censo de 2020, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a maioria da população capixaba é de afrodescendentes, constituída de pretos e pardos³. Entretanto, onde estão os negros do Espírito Santo se pensarmos em termos de representatividade cultural, social e política? Foram essas e outras indagações que me estimularam a realizar este trabalho de pesquisa.

O estudo de Cleber Maciel (2016) nos informa que a partir de 1540 a região recebeu diversas levadas populacionais de africanos escravizados, sendo a capitania do Espírito Santo considerada “uma das que mais fazia contrabando de escravos” (Maciel, 2016, p.64), destinados ao trabalho nas lavouras de cana. Nem mesmo a proibição do tráfico em 1850 conseguiu conter o intenso fluxo de comércio clandestino de escravizados nas regiões de Cachoeiro de Itapemirim, Piúma, Guarapari, Vitória, São Mateus, que ocorria sob as vistas grossas do governo brasileiro que, vez por outra, aprisionava um navio (Maciel, 2016, p. 108).

Em contrapartida, a administração imperial e o governo do estado financiaram a participação massiva de trabalhadores europeus no povoamento capixaba, especialmente de italianos, alemães e pomeranos que se estabeleceram na região serrana, parte do território ainda desabitada (Barros, 2007). O objetivo não era apenas dirimir a “escassez” de trabalhadores negros na lavoura, mas especialmente o de incentivar o progressivo branqueamento da população e viabilizar “o projeto de civilizar o Brasil” (Bourguignon, 2012, p. 168).

A partir das pesquisas de Rocha (1984), Soprani (2015) afirma que o governo imperial selecionou a Província do Espírito Santo como um dos principais polos “para formação de núcleos

¹ Defendida pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CEAM/UnB) sob orientação do Prof. Dr. José Walter Nunes. Brasília, julho/2024.

² O município de Santa Teresa-ES é considerado a primeira colônia italiana no Brasil ao receber 388 colonos provenientes das províncias de Trento e do Vêneto em 1874 (Franceschetto, 2017). O pioneirismo do município foi ratificado pela Lei federal nº 13.617/18.

³ Maioria no ES é descendente de africanos. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2020/12/40200/maioria-no-es-e-descendente-de-africanos.html>. Acesso em: 10 mai. 2023.

coloniais para ocupação de territórios e ampliação de mão-de-obra” (Soprani, 2015, p. 14), por meio do assentamento em pequenas propriedades. O surgimento de diversos municípios capixabas, portanto, tem relação direta com o processo de imigração europeia como é o caso dos germânicos-alemães, estabelecidos em Domingos Martins, dos pomeranos, suíços, luxemburgueses, holandeses, tirolezes, assentados em Santa Leopoldina e seu distrito de Santa Maria de Jequitibá - e dos italianos, que povoaram Santa Teresa e Venda Nova do Imigrante, dentre outros municípios (Santos, 2005).

1.1 A DESCOBERTA DA POMITAFRO

Evento anual que celebra a diversidade étnica e cultural de Vila Pavão, localizada no noroeste do estado, a Pomitafro é uma festividade que reconfigurou, de forma considerável a identidade cultural, administrativa e política do município. Seu principal mérito é reunir as três principais etnias que povoaram a região – pomeranos⁴, italianos e afrodescendentes - em um ambiente que busca o ideal de integração, reconhecimento e celebração. Digo ideal porque adiante veremos que tal objetivo, na prática cotidiana, foi e ainda é interpelado por diversas tensões e conflitos.

A ideia da festa Pomitafro surgiu em 1989, através de um trabalho escolar que inicialmente se propunha ressignificar a concepção tradicional das chamadas festas juninas e passou a dar visibilidade às diferenças entre os povos formadores de Vila Pavão. O objetivo inicial era exaltar a diversidade cultural e, principalmente, o respeito ao outro por meio de um festejo de caráter interétnico, formado por imigrantes pomeranos e italianos e por comunidades afro-brasileiras, estas resultantes dos mais de três séculos de tráfico e escravização de pessoas advindas de várias partes do continente africano. Apesar das resistências iniciais, tais princípios foram incorporados à identidade pavoense e influenciaram diretamente o processo de emancipação política do município e a identidade cívica de Vila Pavão.

Dessa maneira busquei investigar as memórias, os silenciamentos e as resistências que emergem com a proposta de “integração” dessas três etnias na trajetória da festividade, tendo como foco o processo de reconstrução da identidade negra em Vila Pavão. Nesse sentido, enquanto manifestação cultural inovadora, a Pomitafro pode ser vista como um nicho de resistência contra o apagamento das identidades e experiências das comunidades negras capixabas.

O reconhecimento da cultura negra no contexto da Pomitafro, potencialmente em pé de igualdade com as outras duas tradições de origem europeia, faz com que haja uma tentativa de reparação do processo de apagamento da herança africana e de combate às tensões raciais existentes

⁴ Os primeiros imigrantes pomeranos chegam ao Espírito Santo em 1859 advindos de uma região localizada entre o norte da Polônia e da antiga Prússia (1807-1870).

no município. Esse foi o principal ponto de interesse da pesquisa: entender como ocorre esse processo e quais são os seus desdobramentos na construção de uma memória coletiva da comunidade afrodescendente, tanto na maneira como ela própria se vê, como na ideia que os outros atores sociais de Vila Pavão fazem dela.

Os depoimentos exibidos no documentário *Três Etnias, um sonho* (2011), de Felipe Correia, dão o tom do nível de tensão que existia na localidade antes da criação da Pomitafro. Em uma das cenas do filme, vemos a fala de Claudiney Helmer - coordenador do grupo afro de Vila Pavão e professor do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão (CEIER), onde a Pomitafro nasceu - ressaltando a discriminação e o distanciamento existente entre os grupos.

Eles não conversavam, não se uniam, né! Um tinha preconceito contra o outro. A partir da formulação de um projeto chamado Pomitafro, que uniu estas três etnias, é que começou então a se desenvolver, de forma mais harmônica, a união do povo de Vila Pavão (...) a gente não vê mais preconceitos como há pouco tempo atrás, em que uma pessoa pomerana não poderia conversar com uma pessoa afro.⁵

A professora Sirleia Silva de Oliveira, uma das principais idealizadoras da Pomitafro, reflete sobre o processo de marginalização da população negra existente na cidade, antes da festa ser implantada. “Eu percebia na comunidade uma resistência muito grande, a qualquer outra cultura, que não fosse a pomerana e a italiana. Os negros que havia na cidade, na época era um Distrito de Nova Venécia, eram bastante excluídos”.⁶

As narrativas informam, portanto, que a Pomitafro logrou difundir e consolidar um sentimento de reconhecimento e união da população local que passou a ser a característica principal do município: a convivência “harmônica” entre as distintas tradições culturais que povoaram e povoam Vila Pavão. Especialmente se considerarmos que a proposta de inclusão cultural partiu de dentro de uma comunidade escolar, posteriormente assumida formalmente pelas instâncias do poder público, há um viés de pioneirismo na história da Pomitafro enquanto uma festividade intencionalmente agregadora de uma nova identidade plural a ser celebrada e remorada ano após ano pela cidade.

Entretanto, apesar de ser um consenso partilhado pela sociedade pavoense, esse reconhecimento se construiu e se constrói, não sem episódios de tensões e disputas, especialmente em se tratando da comunidade negra, que é historicamente marginalizada em todo país.

⁵ Conferir o filme completo disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W8_mAPvYh58. Acesso em: 10 mar. 2023.

⁶ Entrevista concedida por Sirleia Silva de Oliveira. Vila Pavão, dezembro de 2021. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para viabilizar a pesquisa busquei adotar procedimentos teórico-metodológicos que me aproximassem dos protagonistas da festa. Assim, decidi trabalhar com os parâmetros da História Oral uma vez que ela tem como uma de suas características centrais o registro de depoimento dos sujeitos excluídos da história oficial e tem o mérito de proporcionar uma mudança de olhar e perspectiva tanto do pesquisador quanto do sujeito pesquisado (Guedes-Pinto, 2002).

Thompson (1998), Le Vem, Faria e Motta (1997) e outros teóricos da história oral assinalam que qualidade da relação entre pesquisador e entrevistado tem um papel fundamental no resultado da pesquisa. No ato da entrevista o depoente pode transmitir diversos sentimentos e pode reformular ideias/conceitos e até mesmo a forma como se vê e concede sua identidade na medida em que responde as perguntas.

De acordo com Amado (1997), ao concordar em ser entrevistado o depoente geralmente “tem objetivos concretos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias” (p. 153). Uma das indagações que me moveram durante toda a pesquisa foi tentar mapear e entender o desejo de representatividade dos entrevistados e como esse anseio foi suprido ou não pela Pomitafro.

Nesse sentido, os entrevistados foram interpelados e ouvidos dentro de uma perspectiva mais próxima, como uma partilha de experiências, uma vez que para Benjamin “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (Benjamin, 1987, p. 213). Busquei, portanto, me afastar de uma racionalidade instrumental, técnica e homogeneizante, enquanto pesquisadora, e conversar com os entrevistados de pessoa para pessoa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ENTRE A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E A INTERCULTURALIDADE

A história recente de Vila Pavão, localizada a 285 quilômetros de Vitória, está relacionada à construção da ponte sobre o Rio Doce, em Colatina, e da abertura da estrada até o município de Nova Venécia, finalizada em 1940. Entretanto o município de Vila Pavão somente foi emancipado de Nova Venécia no dia 1 de julho de 1990, o dia do plebiscito ou “Dia da Cidade”, a partir de um movimento popular conhecido como “Emancipavão”, promovido por professores, políticos e comerciantes locais (Souza; Melo; Beiersdorf, 2017).

Instituída em 1989, a partir de um projeto de uma comunidade escolar, a Pomitafro tem o mérito e o grande desafio de buscar exaltar a tríade étnica do município de Vila Pavão – formada

essencialmente por descendentes de italianos, pomeranos e afrodescendentes - a ponto de modificar não apenas a cena cultural da cidade, mas a própria identidade institucional e cívica do município.

A celebração surgiu a partir da ideia de docentes do antigo Centro de Integração e Educação Rural (CIER), hoje denominado Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER), quando debatiam o planejamento escolar e resolveram organizar um trabalho de integração das diferenças culturais a partir de um festival artístico no âmbito educacional.

Certamente a concepção humanista do projeto CIER serviu de base para o surgimento tanto do *Emancipavão*, como da Pomitafro. Idealizados na década de 1980, os CIER foram criados pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, em convênio com o MEC e as Prefeituras Municipais⁷ para promover o “aprender/ensinar” (Freire, 1985) no contexto das comunidades campesinas como um projeto político pedagógico diferenciado por meio de reflexões problematizadoras que valorizam o sentimento de pertencimento, a inclusão, as atividades interdisciplinares e as parcerias entre a escola e a comunidade. Apesar de alinhado com a pedagogia freiriana onde o papel do educador “era atuar e lutar em um processo dialógico com a comunidade escolar pela humanização” (Jacob, 2023, p. 110) o CIER de Vila Pavão (CEIER/PV-ES) funcionou por três anos como uma escola comum “até a comunidade debater a criação de um evento cultural comprometido com a realidade local” (Jacob, 2023, p. 64).

Portanto, a inquietação dos professores é contemporânea do próprio movimento Emancipavão que se concretizou um ano depois com a autonomia oficial do município. Pode-se afirmar que o Emancipavão teve no CIER e na Pomitafro o seu ponto de efetivação inicial (Helmer, 2023).

Jorge Kuster Jacob, um dos mentores do movimento Emancipavão, professor de História e diretor do CIER entre 1988-1989⁸, confirma que a Pomitafro teve uma influência direta na emancipação política de Vila Pavão.

Jorge conta que seu interesse pelo tema da reconstrução étnica do povo de Vila Pavão, onde nasceu e foi criado, veio de sua autodescoberta tardia como pomerano⁹, e não descendente de alemães, como sempre se identificava. Desejoso de reconstruir as tradições culturais de seus ancestrais e ciente de que outros grupos étnicos do município vivenciavam situação semelhante, Jorge acatou o pedido

⁷ O 1º CEIER foi instalado em Boa Esperança-ES, em 1982. No ano seguinte foram abertas as unidades de Águia Branca e Vila Pavão pela

⁸ Jorge também foi Secretário Municipal de Educação, entre 1999-2003 e Secretário de Municipal de Cultura e Turismo de 2003 a 2011.

⁹ Estabelecidos em Vila Pavão na segunda metade do século XIX, resultado da migração dentro do próprio estado, sempre em busca de terra, os descendentes pomeranos foram brutalmente perseguidos ao serem confundidos com alemães entre as décadas de 1940 e 1950 – durante e após a Segunda Guerra Mundial - pelos chamados Bate-Paus, uma espécie de milícia formada por civis e militares “antinazistas”, os quais praticavam saques, agressões e abusavam das mulheres. (Souza, 2017).

de alguns professores da escola para que fosse organizado um festival que contemplasse as diversas etnias presentes, em substituição à festa junina que, no entendimento de Jorge, não tinha relação com as tradições locais.

Desde o princípio a Pomitafro caracterizou-se por ser uma festa de cunho interétnico e intercultural que está presente em sua própria denominação: POM de pomerano, ITA de italiano e AFRO de afro-brasileiro como representação intencional do mosaico étnico que compõe a região. A primeira edição da festa ocorreu em 27 de agosto de 1989, em referência ao mês do folclore, e se caracterizou por apresentar um apanhado de comidas típicas e danças folclóricas das diversas etnias.

Até a 3ª edição, a festa ocorreu no CEIER e as demais em outras locais da região central da cidade, sempre envolvendo outras escolas e a comunidade. Apenas três anos após a emancipação de Vila Pavão, a festa se tornou uma das principais referências da cidade. Em 1993, a Lei Orgânica nº 1/93, artigo 194, determina que a festa Pomitafro entre para o calendário oficial da cidade e se realize anualmente junto com a Festa da Emancipação política do município. No mesmo ano, a prefeitura instituiu uma comissão para eleger o brasão do município. Os membros da comissão, incluso o próprio Jorge, que na época era Secretário Municipal de Educação e Cultura, eram quase todos idealizadores da Pomitafro (Souza, 2022). Apesar da predominância de elementos pomeranos, o brasão escolhido teve o intuito de transmitir a diversidade dos povos que habitam o município e tem ao centro um casal de tez negra que representa as “manifestações culturais tão bem- feitas na Pomitafro” (Souza, 2022, p. 41).

Além disso, tanto na bandeira como no hino de Vila Pavão a característica pluriétnica também se faz presente. As cores verde, vermelho e azul representariam, respectivamente, a contribuição dos imigrantes italianos, africanos e pomeranos. As três etnias e o ideal de união aparecem na primeira e nas últimas estrofes do hino da cidade, composto por Vilma Berger Schraiber e musicado por Micaela Berger (Souza, 2022).

A grande característica da Pomitafro é a de ter surgido em um ambiente laico, como a escola, uma instituição estratégica na formação de um povo ou comunidade.

3.2 A PARTICIPAÇÃO NEGRA NA POMITAFRO: AVANÇOS E TENSÕES

Apesar de concordar que a festa trouxe significativos avanços para o reconhecimento e visibilidade da comunidade negra pavoense, em sua entrevista a professora Sirleia revelou que a 1ª Pomitafro foi uma experiência extremamente desafiadora e tensa, boicotada pela maioria dos professores. Para representar a comunidade afro-brasileira foram convidados um mestre de capoeira de São Mateus e um grupo de dança afro feminino de Nova Venécia. A apresentação de dança gerou

uma reação negativa na plateia e algumas meninas foram vítimas de xingamentos, agressões e tiveram as roupas rasgadas.

Quando os outros grupos apresentaram, todo mundo aplaudiu, achou muito bonito. Quando o grupo afro de Nova Venécia apresentou, causou um incômodo muito grande, porque a roupa, os movimentos, já demonstravam uma sensualidade que não caracterizava o grupo italiano, nem o grupo pomerano. Isso causou um incômodo visível, tanto que depois da apresentação, as meninas saíram e tiveram a roupa rasgada, as pessoas passavam por elas xingavam (...) quando as meninas saíram foram empurradas com o ombro, foram arranhadas ... foi uma coisa muito, muito triste o que aconteceu lá.¹⁰

Segundo Sirléia a reação foi tão constrangedora e hostil que o mestre de capoeira, que se apresentou depois, se recusou a receber os aplausos. Sirleia conta que no dia seguinte, “várias pessoas ligaram para o Jorge, que era diretor da escola, e disseram: é isso que a piranha da Sirléia tá ensinando na escola? ”, como se a apresentação de dança afro fosse algo inadequado e de baixo nível, em virtude dos movimentos mais tribais dos passos, em contraposição à dança ‘comportada’ dos demais grupos.

Tal episódio demonstra de forma clara a situação de exclusão e preconceito que enfrentava a comunidade negra de Vila Pavão no final da década de 1980. Mesmo com a festa mantida após as pressões infrutíferas de um grupo insatisfeito, Sirleia conta que a mentalidade excludente ainda estava presente nas primeiras edições da Pomitafro, quando os jornais se recusavam a registrar nominalmente os participantes negros, como faziam com os pomeranos e italianos, mencionando-os como “Sirleia e sua turma”. Ela também lembra que a barraca africana sempre foi uma das menos prestigiadas e que na escolha das chamadas rainhas da festa - nomeadas em uma espécie de concurso de beleza que elege uma representante de cada uma das três etnias - a rainha africana era sempre a de pele mais clara.

3.3 A INFLUÊNCIA SOCIOPOLÍTICA E A GESTÃO ECONÔMICA DA FESTA

A partir dos depoimentos colhidos é possível perceber que a exploração econômica e política da festa trouxe efeitos de tensão que ainda afetam diretamente suas características originais e corroboram com a subalternização das atividades culturais relacionadas à comunidade negra.

Basta dizer que o valor de repasse pela prefeitura para os 3 grupos étnicos é apenas simbólico e gira em torno de R\$5.000. Ou seja, são os grandes comerciantes que bancam a festa. Segundo a assistente social efetiva da rede municipal e cofundadora do movimento negro de Vila Pavão, Graciana Helmer, que cuida da parte administrativa do grupo afro, a comunidade negra é diretamente prejudicada pela falta de recursos: “Nós temos problemas na questão do desenvolvimento comercial e

¹⁰ Ibid.

profissional da pessoa negra no nosso município. Nós não temos um comerciante negro bem-sucedido, a maioria são de pequeno porte”¹¹. Graciana também alerta que o poder público de Vila Pavão sempre prioriza a realização de shows nacionais com cachês elevados: “A prefeitura coloca quatro ou cinco shows nacionais e desvaloriza a nossa cultura”, reclama Graciana.¹²

De acordo com os depoimentos colhidos, pode-se perceber que a principal vulnerabilidade que aflige os integrantes da comunidade afro é o fato de a Pomitafró de hoje ter se tornado a grande festa turística da cidade, mais preocupada em atrair público externo e arrecadar recursos do que promover a cultura local. Na opinião do professor Erivelton Pessin, ao longo dos anos a Pomitafró “deixou de ser a festa da escola CIER e passou a ser organizada pelo poder público. A cidade vai perdendo um pouco da sua identidade e diversidade étnica”.¹³

Outro aspecto que se pode perceber é a proteção e o estímulo que o poder público confere aos elementos europeus da Pomitafró. Chamou-me a atenção a publicação da lei municipal nº 703/2010 que dispõe sobre a inclusão de show gospel e/ou católico entre as atrações musicais da Pomitafró. Tal lei revela a necessidade do estado de assegurar que os elementos da cultura cristã (leia-se branca e europeia) sejam obrigatórios na festa. Não há lei semelhante para garantir que existam apresentações que façam referência às tradições negras locais como apresentações de grupos de jongo, congo e bois de reis ou mesmo de conjuntos de samba/pagode, em se tratando da cultura negra nacional ou cultos religiosos de matrizes africanas.

Tais falas me levaram a refletir sobre o fato de que a Pomitafró, inicialmente criada para tentar reverter um pouco da lógica colonialista de invisibilidade, subalternização e hierarquização das etnias de Vila Pavão, acabar seguindo os moldes estruturais de uma típica festa de imigrantes europeus no estado, tal como a Festa da Polenta (Venda Nova do Imigrante), a Festa Pomerana (Pancas), a Festa Santa Maria (Jetibá) e a Pommer Broud Fest (Laranja da Terra). Ou seja, ao longo dos anos, a Pomitafró cresceu em importância política e econômica a ponto de privilegiar o que é vendável e bem aceito pelas classes dirigentes, em detrimento de elementos culturais negros e africanos.

Se por um lado, a Pomitafró pode ser vista sob uma perspectiva mais decolonial, no sentido de criar espaço para a negritude enquanto grupo histórico marginalizado, por outro ela também reproduz a lógica colonial ao reservar um lugar controlado e “domesticado” para as manifestações afro no contexto da festa e da própria sociedade.

¹¹ Entrevista concedida por Graciana Helmer, através da plataforma Zoom, 18 de maio 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

¹² Entrevista concedida por Graciana Helmer, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

¹³ Entrevista concedida por Erivelton Pessin, Vila Pavão, agosto de 2022. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

3.4 CAPOEIRA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A experiência do professor Bruno Raphael dos Santos - que leciona no CEIER e mantém o Grupo Senzala de capoeira, que se apresenta na programação da Pomitafro desde 2018 - pode ilustrar como as manifestações culturais advindas da herança africana ainda são um tabu a ser superado por boa parte da comunidade local. Bruno relata a discriminação sofrida ao organizar o primeiro batizado de capoeira, um ritual importante que marca a evolução dos praticantes. “A gente tava com um grupo com quase 30 adolescentes e foi aquela tensão. Teve família que me pediu no meu privado para tirar o nome, porque para eles o batizado é um sacramento”¹⁴, relatou Bruno.

Apesar da capoeira ter sido reconhecida como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco em 2014¹⁵, sabemos que o estigma de marginalização permanece na sociedade brasileira. É sabido que as origens da capoeira têm forte relação com as religiões de matriz africana, especialmente a chamada capoeira angola que exalta características mais ancestrais e antecede a vertente regional, mais recente e adaptada aos parâmetros de uma atividade física ou desportiva (Columá; Chaves, 2013, p. 171).

Enquanto prática cultural multifacetada, proveniente da herança afro-diaspórica (Mendonça, 2013; Soares, 1998) a capoeira, no entanto, não pode ser considerada um rito religioso em si, mas antes uma “manifestação cultural que se configura como um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo, esporte e expressão corporal” (Silva, 2009, p. 25). Entretanto, ela está inevitavelmente atrelada à religiosidade (Cid, 2017), “pois os elementos religiosos que se amalgamaram ao imaginário da capoeira influenciam seu entendimento” (Costa Silva *et al*, 2024, p. 82).

O fato é que a influência religiosa na capoeira, que na prática se mantém no âmbito da cultura/folclore, é vista com olhos negativos por boa parte dos adeptos das religiões evangélicas e cristãs em geral. A prova disso é que, à semelhança do “bolinho de Jesus” (Évora, 2015) – surgido por meio do processo de apropriação cultural do acarajé, uma comida de terreiro que ganhou as ruas – muitas rodas de capoeira têm sofrido um processo higienização/domesticação dos elementos afros, sendo renomeadas como “capoeira gospel”.¹⁶

Ora, se considerarmos que boa parte das artes marciais como kung fu, karatê, ou mesmo a yoga, são manifestações com forte influência da espiritualidade oriental por que será que elas não são

¹⁴ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

¹⁵ Roda de capoeira recebe o título de patrimônio cultural imaterial da humanidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/11/roda-de-capoeira-recebe-titulo-de-patrimonio-imaterial-da-humanidade.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

¹⁶ Capoeira gospel” e falta de apoio público impõem riscos à roda de capoeira, aponta Iphan. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2022/03/capoeira-gospel-e-falta-de-apoio-publico-impoem-riscos-a-roda-de-capoeira-aponta-iphan/>. Acesso em: 10 jul. 2024

repelidas por grande parte da comunidade cristã? A resposta está no preconceito racial e na intolerância em relação a tudo que advém da cultura negra e africana. Isso significa dizer, em última instância, que qualquer tradição africana é vista por muitos líderes e praticantes de religiões protestantes como perigosa ou amaldiçoada, como afirmou o pastor e deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP) no seu perfil da rede Twitter (atual X) em 2011 ao se referir ao continente africano como “amaldiçoado”¹⁷. Tal pensamento é recorrente no meio evangélico como é o caso da influenciadora digital Michele Abreu que fez um vídeo associando as enchentes do Rio Grande do Sul, ocorridas em maio de 2024, com o fato do estado ter muitos terreiros.¹⁸

O desconforto narrado pelo professor Bruno é um tipo de intolerância muito comum no Brasil. Esse tipo de comportamento viola não apenas o direito fundamental à liberdade de religião ou crença, como também desrespeita a dignidade humana e compromete a convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos, étnicos e sociais. A intolerância religiosa pode ser influenciada por diversos fatores, como preconceitos enraizados, estereótipos, falta de conhecimento e até mesmo tensões políticas ou sociais. O preconceito se torna ainda mais grave se pensarmos que as religiões de matriz africana não praticam o proselitismo e têm a tolerância como princípio básico (Verger, 1981).

3.5 PRECONCEITO CULINÁRIO E PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO INTERNA

Outro aspecto que retrata os desafios do grupo afro na Festa Pomitafró é a organização e administração da barraca tradicional que comercializa pratos típicos. Cada grupo fica responsável em montar as barracas de sua etnia e precisa criar um cardápio típico de pratos a serem comercializados durante os três dias de festa. O valor arrecadado pela barraca é destinado a manutenção das atividades culturais de cada grupo. A dificuldade do grupo afro com a gestão da barraca e dos produtos oferecidos aparece na fala do professor Bruno que revela a escolha seletiva do público pela culinária de origem europeia: “Tem uma dificuldade em relação às comidas típicas afro-brasileiras. Isso é visível, notório... as pessoas preferirem outros pratos”¹⁹, ressalta Bruno.

Outra questão latente é que os serviços da barraca afro são terceirizados devido a falta de disponibilidade e organização de voluntários.

¹⁷ MACHADO, Leandro. A origem do mito bíblico que foi utilizado para 'justificar' racismo. BBC, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209322>. Acesso em: 10 jun. 2024.

¹⁸ Influenciadora que associou tragédia climática no Rio Grande do Sul a religiões de matriz africana é denunciada pelo MP. G1 Minas, 18 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/18/influenciadora-tragedia-rio-grande-do-sul-religioes-matriz-africana-denunciada-pelo-mp.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024

¹⁹ Entrevista concedida por Bruno Raphael dos Santos, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Tem sim o preconceito culinário e tem a diferença de consumo nas barracas. Se você chegar na Pomitafo você vai ver que a barraca fica um pouco de lado sim. Vamos ter que lidar com isso, esse é o princípio que carrego no meu trabalho, eu sei que na esquina cultural vai ter um preconceito com a esquina afro-brasileira. Então o que é que eu faço? Eu procuro melhorar a qualidade da esquina, fazer uma coisa diferente, ter uma ornamentação chamativa.²⁰

Percebi, durante as entrevistas, que a questão do preconceito desagrega a própria comunidade negra da Pomitafo também de dentro para fora. Ao se sentirem sem estímulo para produzir e oferecer pratos típicos da culinária afro-brasileira - que poderiam ser o angu (muito semelhante à polenta), o mungunzá de milho branco ou mesmo a boa e velha feijoada - os integrantes do grupo acabam por se render a uma solução mais viável economicamente, mas que não traz o devido valor cultural para a comunidade. Apesar disso, a fala de Bruno é consciente e otimista. Quando ele diz que inova nas esquinas culturais para que as pessoas gostem ou voltem para ver as apresentações ele está dizendo: eu (re) existo e me mantenho firme com o meu propósito e amor à cultura afro-brasileira. Sua fala carrega a consciência de que as barracas tradicionais de pratos típicos têm um lugar simbólico do alimento para cada etnia e que o prato ancestral ocupa uma posição estratégica de cada sociedade. É um movimento de luta e (re) existência e conta a história de cada povo.

A falta de uma organização interna do grupo certamente pode ser contextualizada por todas as demais questões enfrentadas pela comunidade negra local que padece por enfrentar o preconceito e não ter os mesmos acessos, oportunidades e a mesma disponibilidade financeira que afetam também a consciência coletiva da comunidade como um todo. O professor Bruno fala explicitamente da real necessidade de fortalecer uma liderança que busque a organização coletiva, respeitando suas limitações. A terceirização da barraca é um dos fatores apontados por ele como fruto dessa fragmentação: “O grupo afro aqui em Vila Pavão é um desafio. Não somos uma **associação**, não temos um estatuto. O que dificulta é assumir a logística. Para assumir a barraca precisa se dispor a ficar lá os dias todos, tem um investimento a fazer”²¹.

Graciana também alerta para essa questão, fazendo uma ressalva sobre uma mentalidade que ainda resiste em investir em um projeto cultural coletivo.

Porque todas as vezes que a gente vai brigar pela associação tem algum impedimento, algum entrave financeiro, isso gera um custo muito alto e o próprio negro ele não valoriza isso. O que eu escuto é: poxa, vou ter que gastar para manter a festa? Sim, gente! Você gasta com tantas outras coisas, porque não pode gastar com a cultura? Esse ainda é um entrave da própria cultura negra.²²

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, Maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

Aqui cabe destacar que, desde a abolição, a coesão da comunidade afrodescendente foi historicamente pulverizada (DaMatta, 1983) por meio da difusão da ideia de mestiçagem e do mito da democracia racial (Freyre, 1951).

3.6 INTEGRAÇÃO PARA QUEM?

Bruno ressalta a inegável importância da festa para toda a comunidade pavoense, mas a classifica como um espaço de afirmação e não de “integração” cultural em relação à comunidade negra, uma vez que a aproximação e as atividades conjuntas entre os representantes das diversas etnias ainda são raras.

Eu entendo que a Pomitafo é um espaço de afirmação cultural e não necessariamente um espaço de integração cultural, não consigo perceber que o povo daqui conseguiu resolver sabe? Acho que no início eles queriam que fosse assim, mas o que aconteceu é que a festa se transformou em um espaço de afirmação da cultura existente no município e é isso. Porque os grupos, eles não se integram. Ela ainda é um desafio, de maneira geral, tanto para a festa, quanto para o dia a dia no município.²³

Percebe-se, portanto, que a palavra integração está presente nas narrativas orais dos representantes da comunidade negra pavoense, quando narram o passado de Vila Pavão, os primórdios da Pomitafo e reproduzem os discursos e narrativas oficiais construídas sobre a festa. Porém, nos dias atuais parecem reconhecer que a tão falada “integração” parece entorpecida pelos rumos que a festa tomou ao ser administrada segundo os interesses da prefeitura, sem um diálogo mais aberto e colaborativo.

Nesse aspecto, Graciana pensa um pouco diferente de Bruno ao afirmar que hoje há mais espaços de convivência e que houve um grande avanço, em termos de “integração” entre as etnias, especialmente nas gerações mais jovens.

Dos seus 20 anos até os seus 40 anos, a gente vê uma integração muito melhor das etnias, o nosso grupo de capoeira é um exemplo claro disso, são todos jovens, ali não existe branco, não existe preto, todos são amigos e interagem muito bem. Mas a gente tem sempre que lembrar que aquilo ali é coisa de preto, é coisa brasileira de preto, a gente não perde a chance não.²⁴

Destaco aqui o testemunho empolgado de Graciana ao ser convidada para fazer parte da pesquisa e contribuir com seu depoimento. Me parece que sua reação foi um voto de esperança de que

²³ Idem.

²⁴ Entrevista concedida por Graciana Helmer Vitorino, maio de 2024. Entrevistadora: Maria Aparecida da Silva. Áudio em MP3.

a participação do grupo afro na festa possa ter um significado de chamamento para a comunidade negra pavoense como um todo. “A gente achou quem vai falar sobre nós! Não sei fazer uma pesquisa ampla sobre cultura, então a gente precisa que esses formadores de opinião saiam do silêncio, escrevam, publiquem e divulguem”²⁵, completa Graciana. Ao revelar o desejo de narrar sua experiência na Pomitafro e pontuar suas perspectivas pessoais e coletivas, Graciana se coloca como personagem de uma história em processo, onde recorre às relações entre passado-presente, e onde o tempo histórico é construído dentro da experiência social do grupo, sem obedecer aos parâmetros de uma continuidade histórica dominante, mas a partir da reconstrução da memória que é descontínua e busca narrar o que a toca e envolve (Nunes, 2005).

Ainda Nunes, inspirado em Walter Benjamin, coloca que a memória é uma atividade do pensamento que “faz do lembrado algo sem limite” e tem a força de “reabrir o passado no aqui agora” (Nunes, 2005, p.35). Dessa forma, Graciana, Bruno, Pessin e os demais entrevistados, quando retomam a história da Pomitafro e suas experiências vividas na festa, o fazem como uma rememoração de um passado carregado de ‘agoras’ e por que não dizer, de futuros, porque o passado segue inscrito no presente (racismo, preconceitos, desigualdades) e é no tempo presente que esse passado é interpelado pois, como assinalada Benjamim, “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (1987, p. 222).

É importante lembrar que em 2007 foi sancionado o Decreto nº 6040/2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). O texto define as comunidades tradicionais – caso dos pomeranos, seringueiros, quebradeiras de coco de babaçu, quilombolas, povos de terreiro, ribeirinhos de fundo e fecho de pasto, dentre outros - como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Nesse sentido, o crescimento da participação da comunidade negra no contexto Pomitafro pode ser visto como um processo de autorreconhecimento sociopolítico do espaço da negritude dentro da sociedade capixaba e brasileira.

4 CONCLUSÃO

Ao ser idealizada no ambiente escolar com o propósito assumido de seus criadores de minorar preconceitos e fomentar a cultura local, a Pomitafro possuía, e ainda possui, um potencial pedagógico para fomentar a representatividade de grupos silenciados ou apartados entre si, especialmente a comunidade negra. Pelo fato de ter nascido junto com o movimento de emancipação da cidade, seus

²⁵ Idem.

propósitos ganharam mais força. Era preciso forjar uma nova identidade para o município nascente. Entretanto, ao longo dos anos a festividade cresceu e tomou novos rumos, sendo apropriada de forma mais comercial pelo poder público. Tal mudança de rumos trouxe muitos desafios especialmente para a comunidade negra. Justamente o grupo mais frágil em termos econômicos, com diversas dificuldades para custear sua participação no evento, é o que mais necessita assegurar seu espaço de representatividade.

Na tentativa de compreender o lugar da comunidade negra na Pomitafro e como ela foi forjando e reconstruindo sua identidade, logo apareceram os processos de conflitos e as clivagens sociais que destoam do ideal de “integração”, principal característica exaltada pelo discurso oficial sobre a festa. A falta de recursos, a baixa visitação da barraca afro, a ausência de shows que representem a cultura negra, a dificuldade de organização interna, o preconceito com a capoeira, todos esses fatores são elementos trazidos pelos depoentes ao narrar sua experiência na Pomitafro.

Apesar de inicialmente intencionar se afastar da Festa “caipira”, a festividade ainda segue um modelo baseado nas festas populares europeias. Por outro lado, os mesmos depoentes reafirmam a importância da festa para a mudança da forma como se viam e como se vêem hoje. É notório que a Pomitafro construiu um novo nicho de pertencimento para a comunidade negra de Vila Pavão.

Quando o professor Bruno afirma que a Pomitafro é um lugar onde ele pode dizer “sou preto”, reconhece a importância da festa como espaço de representatividade. Tempos depois de ter me concedido a entrevista, Bruno me mandou um áudio, relatando com profunda alegria, sobre a experiência de participação do grupo de capoeira, representando toda a população de Vila Pavão, na Feira dos Municípios do Espírito Santo de 2024²⁶, um importante evento anual onde os capixabas têm a oportunidade de conhecer o potencial cultural, gastronômico e turístico dos 78 municípios do estado em um só lugar. “Então foi um grande momento de integração e tudo isso tendo na cultura afro-pavonense como vetor nesse grande movimento desse grande dia que foi o dia 9 de junho, o dia em que a gente participou da feira dos municípios mostrando cultura preta!”.²⁷

Apesar das contradições e conflitos, a Pomitafro pode ser concebida como um espaço possível de visibilidade e divulgação da cultura negra, onde o afrodescendente povoense pode “se afirmar como negro”, não apenas como grupo em si, mas como parte da identidade da cidade, construída por meio das relações entre os diversos grupos sociais locais.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 15, 1997.

BARROS, Thiago Zanetti. **Imigração estrangeira no jornal - A Província do Espírito Santo (1882/1889)**. Dissertação. Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas. Vitória: UFES, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. **Em terras capixabas**: a interiorização do Estado Imperial na Província do Espírito Santo. *Revista de História da UEG*, v. 1, n. 2, p. 153-175, 2012.

CAMPOS, Adriana Pereira. Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 84-96, 2011.

CID, Gabriel da Silva Vidal. Notas sobre a religiosidade no imaginário da capoeira. **Revista Calundu**, v. 1, n. 2, 2017.

COLUMÁ, Jorge Felipe, CHAVES, Simone Freitas. O sagrado no jogo de capoeira. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, mai. 2013.

COSTA SILVA *et al.* O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de educação física escolar (Parte I). **Cadernos de Formação RBCE**, v. 14, n. 2, 2024.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando*: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018.

ÉVORA, Lígia. **Do acarajé ao bolinho de Jesus**. Religiões e temas de pesquisa contemporâneos. Salvador: Edufba, 2015.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: José Olympio, 1951.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora- alfabetizadora**: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HELMER, Claudiney. **Educação do campo e formação humana**: a práxis educativa dos educadores do CEIER de Vila Pavão no ensino médio integrado. Dissertação (mestrado). Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Vitória, 2023.

JACOB, Jorge Kuster. Vila Pavão: A cidade que nasce em uma escola do Campo. In: FOERSTE, Erineu; JADEJISKI, Rainei; ANDRADE, Aléssio. **CIERs 40 anos**: Memórias afetivas. Itapiranga: Editora Schreiber, 2023.

LE VEM, Michel Marie; FARIA, Érica de; MOTTA, Miriam. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). **Os Desafios contemporâneos de história oral – 1996**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MENDONÇA, G. P. A. **Capoeira na escola**: análise e reflexões acerca de sua legitimação nas aulas de Educação Física das escolas estaduais da DIREC 13 – Jequié- Bahia. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

MOREIRA, Celina Januário (Org.). **História e memórias**: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante. Venda Nova do Imigrante: Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante, 2010.

NUNES, José Walter. **Patrimônios Subterrâneos em Brasília**. São Paulo: Annablume, 2005.

ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo (1847-1896)**. Dissertação (mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1984.

SALETTTO, Nara. **Considerações sobre a transição do trabalho escravo ao trabalho livre na economia cafeeira do Espírito Santo (1888-1929)**. Rio de Janeiro: Mestrado em História na UFRJ, 1985.

SANTOS, Estilique Ferreira. Vias de comunicação, conquista territorial e colonização estrangeira no Espírito Santo do séc. XIX: a gênese do pensamento político capixaba. **Dimensões**, n. 17, 2005.

SILVA, P. C. C. **O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar**. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850**. 1998. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SOPRANI, J. **Laboriosos e Morigerados ou Indolentes e Vadios**: As Múltiplas Imagens do Imigrante e do Trabalhador Livre Nacional nos Relatórios Governamentais Entre 1847 e 1882 no Espírito Santo. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Espírito Santo -UFES, 2015.

SOUZA, M. T. Escola e Pomitafro: uma festa como uma identidade de uma Cidade. **Revista Educação e Emancipação**. São Luís, v. 10, n. 1, jan./abr. p.159-160, 2017.

SOUZA, Marcos Teixeira. **Vila Pavão**: a pomitafo nos símbolos municipais. *SCIAS-Arte/Educação*, v. 11, n. 1, p. 37-54, 2022.

SOUZA, Marcos Teixeira; DE MELO, Sandra Márcia; BEIERSDORF, Cássia Raquel. Caipira, não! Sou Pomitafo, sim senhor!. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 1, n. 1, p. 65-79, 2017.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. VERGER, Pierre. *Orixás*. São Paulo, Corrupio, 1981.